

Autoetnografia: self, identidade e reflexão como categorias de análise em etnografia

Autoethnography: self, identity and reflection as categories of analysis in Ethnography

Autoetnografía: self, identidad y reflexión como categorías de análisis en etnografía

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7709-9489>

Alessandra dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1427-0661>

Valentina Grion

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2051-1313>

Resumo: A autoetnografia associada às pesquisas etnográficas desponta na literatura com as pesquisas de Ellis e Bochner a partir de 1999 e nela, ganha espaço como uma alternativa às etnografias que abordam: histórias e vida, relato de si mesmo e as formas como o pesquisador/a tenta se inserir enquanto sujeito de fala na narrativa etnográfica. As questões orientadoras são: O que é autoetnografia? Como o termo tem sido conceituado e quais as categorias a ele associadas? Quais os autores mais citados nesses estudos e como eles explicam autoetnografia? Os objetivos desse artigo são: explorar o conceito de autoetnografia, identificar linhas metodológico-epistemológicas que orientaram as pesquisas analisadas e traçar um perfil conceitual das categorias associadas ao termo. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica sistemática (RBS-Roadmap) e o *software Atlas.ti23* para as análise e derivação de resultados a partir de 2.200 artigos em língua inglesa. Desses foram selecionados 286 artigos que usavam o termo autoetnografia no título. Como resultados preliminares, apontamos que embora os artigos deem ênfase a uma escrita de si, em primeira pessoa, chamando atenção para categorias como *self*, identidade e reflexão, o uso excessivo da narrativa autobiográfica ou biográfica, pode tornar o empreendimento etnográfico etno, da autoetnografia, menor ou menos importante. Esse fato revela que nesses estudos o uso do termo etnografia foi associado às pesquisas etnográficas apenas para validar as narrativas de si mesmos.

Palavras-chave: autoetnografia; *self*; identidade; reflexão; etnografia.

Abstract: The autoethnography associated with ethnographic research emerges in the literature with the research of Ellis and Bochner starting from 1999 and in it, it gains space as an alternative to ethnographies that address: stories and life, self-report and the ways in which the researcher tries to insert himself as a subject of



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

speech in the ethnographic narrative. The guiding questions are: What is autoethnography? How has the term been conceptualized and what are the categories associated with it? Who are the most cited authors in these studies and how do they explain autoethnography? The objectives of this article are to explore the concept of autoethnography, to identify methodological-epistemological lines that guided the analyzed research, and to outline a conceptual profile of the categories associated with the term. The methodology used was the systematic literature review (RBS-Roadmap) and the *Atlas.ti23 software* for the analysis and derivation of results from 2,200 articles in English. Of these, 286 articles were selected that used the term autoethnography in the title. As preliminary results, we point out that although the articles emphasize self-writing, in the first person, calling attention to categories such as self, identity and reflection, the excessive use of autobiographical or biographical narrative can make the ethnographic enterprise ethno, of autoethnography, less or less important. Keywords: autoethnography; self; identity; reflection; ethnography

Resumen: La autoetnografía asociada a la investigación etnográfica emerge en la literatura con la investigación de Ellis y Bochner a partir de 1999 y en ella gana espacio como alternativa a las etnografías que abordan: historias y vida, autoinforme y las formas en que el investigador intenta insertarse como sujeto de habla en la narrativa etnográfica. Las preguntas orientadoras son: ¿Qué es la autoetnografía? ¿Cómo se ha conceptualizado el término y cuáles son las categorías asociadas a él? ¿Quiénes son los autores más citados en estos estudios y cómo explican la autoetnografía? Los objetivos de este artículo son: explorar el concepto de autoetnografía, identificar las líneas metodológico-epistemológicas que orientaron la investigación analizada y esbozar un perfil conceptual de las categorías asociadas al término. La metodología utilizada fue la revisión sistemática de la literatura (RBS-Roadmap) y el *software Atlas.ti23* para el análisis y derivación de resultados de 2.200 artículos en inglés. De estos, se seleccionaron 286 artículos que utilizaron el término autoetnografía en el título. Como resultados preliminares, señalamos que a pesar de que los artículos enfatizan la autoescritura, en primera persona, llamando la atención sobre categorías como el yo, la identidad y la reflexión, ignoran o descuidan la cultura etno en la que se insertan los investigadores. Este hecho revela que en estos estudios el uso del término etnografía se asoció a la investigación etnográfico solo para validar las narrativas de sí mismas.

Palabras-clave: autoetnografía. self. identidad. reflexión. etnografía.

1 Introdução

Num movimento dialético ascendente de resiliência e sucesso a pesquisadora expõe em sua história de vida, o ideal de olhar o outro e falar com ele como sujeito de sua história, o que se tornou um trabalho diário de luta em favor dos excluídos e de busca para a superação das injustiças sociais no Brasil. A escrita autobiográfica nos oportuniza comunicar por narrativas, muitas vezes romanceadas, dentre muitas coisas que a memória nos permite lembrar, sobretudo aquelas que idealizamos e as que realmente vivemos (Carmen de Mattos, 2022).

A autoetnografia é o tema central desse artigo. Ainda não foi escrita uma história completa da autoetnografia, e no Brasil, é um tema pouco explorado. Reconhecido, em sua origem, em publicações, predominantemente, anglo-saxônicas, tem como autores mais reconhecidos, os norte-americanos Carolyn Ellis e Arthur Bochner.

Inicia-se questionando – O que é autoetnografia? E ainda, – É a autoetnografia um método derivado da etnografia ou um sinônimo de autobiografia? É a autoetnografia uma nova epistemologia do conhecimento das abordagens de pesquisa qualitativas, ou apenas um método? Mas, sem a pretensão de responder amplamente essas questões, pretende-se delinear caminhos para o entendimento da autoetnografia a partir do *como* os estudos atuais abordam o termo, seus conceitos e significados. Isso se dá com uma revisão sistemática da bibliografia das últimas décadas e nela se apresentam os principais autores e seus argumentos sobre o tema, explora-se a crítica à pesquisa autoetnografia, traçam-se os limites e as congruências entre etnografia e autoetnografia e os pontos-chave para o reconhecimento da autoetnografia como pesquisa etnográfica, ou diferente dela. Portanto, a seguir discute-se a origem do termo.

Carolyn Ellis explica que, analiticamente, é importante, fazer uma distinção entre uma ideia de autoetnografia e o termo autoetnografia. Ela fala no sentido de que, muitos etnógrafos, têm praticado a autoetnografia muito antes de nomeá-la. A autora esclarece que só muito recentemente, aproximadamente três décadas, o termo circula, com mais especificidade, no meio científico (Kafar; Ellis, 2014)

De acordo com Ellis (2004), o termo autoetnografia foi usado primeiramente em 1975 pelo antropólogo Karl Heider para se referir ao relato do que as pessoas fazem quando escrevem sobre elas. Em seu estudo, Heider perguntou a 50 alunos da escola *Grand Valley Dani School*, na Indonésia – O que eles, como pessoas, faziam? Às respostas coletivas, ele nomeou como autoetnografia, explicando que “...a percepção de mundo dos alunos era uma autoetnografia” (Heider, 1975, p. 3). Quatro anos depois, David Hayano (1979) tornou-se o primeiro antropólogo a escrever sobre as descobertas de Heider. Hayano, associou a autoetnografia a estudos internos em que o pesquisador se torna um nativo, ou *insider*, dentro da comunidade ou cultura que estuda – um tipo de etnografia atualmente definida como indígena ou aborígine. Em seu ensaio: “Autoetnografia: paradigmas, problemas e perspectivas” (Hayano, 1979, p. 103), deliberadamente, desconsiderou etnografia como – estudos que exploram a própria vida através dos processos etnográficos e criou uma distinção clara entre etnografia e autoetnografia.

Heider (1975) e Hayano (1979) começam a cunhar o termo autoetnografia, mas sua definição e aplicação diferiam significativamente do que, ao final da década de 1990, Ellis e Bochner (2000) tinham em mente quando desenvolveram o conceito de autoetnografia. Heider e Hayano não consideravam a autoetnografia como uma atividade de pesquisa transgressora que empurrava, rejeitava ou expandia os limites das práticas tradicionais de escrita etnográfica. Eles não viam a autoetnografia como uma reação crítica às preocupações perturbadoras sobre a autoria silenciosa, à necessidade de reflexividade do pesqui-

sador ou uma forma humanizante, moral, estética, centrada na emoção, política e pessoal de representação.

Entretanto, o crédito pela criação do termo é atribuído a David Hayano (1979). Ele delimitou o uso do termo e lhe deu significado, aplicando-o aos estudos culturais dos antropólogos sobre o seu próprio povo, no sentido de que o pesquisador é um *insider* pleno em virtude de ser nativo e adquirir uma familiaridade íntima com o grupo ou alcançar a pertença ao grupo estudado. Mais tarde, os cientistas sociais usaram o termo para se referir a histórias que apresentam o *self* (eu) ou que incluem o pesquisador como um personagem. Enquanto críticos literários e culturais aplicaram o termo às autobiografias que exploram, conscientemente, a interação do eu introspectivo pessoalmente engajado com descrições culturais mediadas pela linguagem, história e explicação etnográfica.

Ellis (2004, p.38) exemplifica que nas autoetnografias, o quadro histórico tradicional e as datas e eventos específicos geralmente esperados em autobiografias são minimizados. Em vez disso, os autores “...tentam demonstrar a experiência vivida e a humanidade de si mesmos e de seu povo para audiências externas”.

Para Ellis e Bochner (2000), autoetnografia é um tipo de pesquisa sobre a experiência pessoal combinada com um estudo cultural. Os autoetnógrafos exploram suas experiências pessoais através de uma lente etnográfica, mas também revelam seus *eus* frágeis que podem ser influenciados e resistir às interpretações culturais.

Devido ao rápido movimento em ambas as direções, as divisões pessoais e culturais se confundem, frequentemente tornando-se irreconhecíveis. Os textos autoetnográficos, escritos na primeira pessoa, podem incluir contos, poesia, ficção, romances, ensaios pessoais, diários, escrita fragmentada e prosa científica social. Esses textos exploram temas de ação, diálogo, emoção, corporeidade, espiritualidade e autoconsciência em narrativas relacionais, familiares, institucionais e comunitárias influenciadas pela história, estrutura social e cultura, que se expressam por meio da ação, do sentimento, do pensamento e da linguagem.

Ao se tratar a autoetnografia como um gênero de escrita ou de histórias de pesquisa sobre as quais muitos tipos de narrativas são autobiográficas, pode-se reconhecer na autoetnografia um gênero embaçado, que encobre muitas formas diferentes de relatos em primeira pessoa e narrativas de experiência pessoal. Essencialmente, ela cria uma identidade narrativa para uma comunidade exclusiva, que não está descrita por meio de uma abordagem retórica única.

Os autoetnógrafos utilizam a experiência pessoal para descrever – e às vezes criticar – crenças, percepções, práticas e identidades culturais. Para Bochner e Ellis (2006) as pessoas no processo de descobrir o que fazer, como viver e o significado de suas lutas podem ser vistas como produtoras de uma rigorosa auto-reflexão.

A autoetnografia é, então, um gênero de escrita autobiográfico que exhibe múltiplas camadas de consciência, conectando o pessoal ao cultural. De um lado para o outro, os autoetnógrafos olham, primeiro, através de uma lente etnográfica grande-angular, focalizando para fora os aspectos sociais e culturais de sua experiência pessoal; depois, olham para dentro, expondo um *self* (eu) vulnerável que se move e pode atravessar, refratar e resistir a interpretações culturais. À medida que se aproximam para “trás e para a frente”, “para dentro e para fora”, as distinções entre o pessoal e o cultural tornam-se turvas, às vezes irreconhecíveis.

O questionamento da validade da autoetnografia como método, em vez de ser um ato de autoindulgência (Delamont, 2009), levanta a questão do que é uma autoetnografia e o que pode ser interpretado como a abordagem que a sustenta. A revisão da literatura que se apresenta nesse texto revela que a autoetnografia passa por uma reflexão crítica sobre a experiência pessoal para fornecer contribuição ao conhecimento, particularmente em questões difíceis, sensíveis ou normalmente fora dos limites (Ellis; Adams; Bochner, 2011; Jones; Adams; Ellis, 2013; Chang, 2013). No entanto, sua crescente aceitação por pesquisadores, em um número cada vez maior de disciplinas, revela que não há uma única postura em termos de orientação e de abordagem (Adams; Manning, 2015) ou de estilo de escrita (Chang, 2013). Em vez disso, ela pode variar de um relato analítico fundamentado na teoria a um diálogo imaginativo e expressivo (Harwood; Eaves, 2017).

Ellingson e Ellis (2008), discutem que definir autoetnografia tem se mostrado uma tarefa difícil. Estudiosos pioneiros nesses estudos forneceram, até agora, múltiplas definições para autoetnografia de acordo com seu propósito, fontes de dados, análise de dados e estilo de escrita (Keles, 2022). Por outro lado, autoetnógrafos que preferem a voz convencional em terceira pessoa acreditam que o ponto de vista em primeira pessoa é decididamente subjetivo porque prenuncia a interpretação que o próprio pesquisador faz das experiências vividas (Caulley, 2008). Eles afirmam que a narrativa em terceira pessoa lhes oferece uma voz objetiva e analítica. Eles usam a voz em terceira pessoa para criar um equilíbrio entre as experiências pessoais e a análise cultural do narrador que é uma característica desejada para a autoetnografia analítica (Adams; Manning, 2015; Anderson, 2006).

2 Metodologia: revisão de literatura e análise dos documentos

A metodologia desenvolvida é a pesquisa qualitativa, de natureza indutiva, do tipo Revisão Bibliográfica Sistemática (*RBS-Roadmap*), combinada com a análise computacional produzida pelo *software Atlas.ti23*. No âmbito dessa sessão, apresentar-se-á a forma como a *RBS-Roadmap* foi desenvolvida e como foram realizadas as análises dos textos selecionados para o estudo com o *software Atlas.ti23*. Entende-se que o uso do *Atlas.ti23* foi de importância

crucial para o desenvolvimento deste texto, assim como para a maioria dos artigos incluídos nesse dossiê, no que se refere às análises dos dados etnográficos das pesquisas citadas.

O estudo desenvolvido para este artigo se iniciou em abril de 2023, nesta época, foram compilados um total de 5.890 (cinco mil, oitocentos e noventa) documentos tendo como critério a inclusão da palavra – etnografia – no título. Considerou-se como período de corte as publicações entre os anos 1999 e 2023, sendo o ano de 2012 o mais produtivo. A seguir selecionou-se apenas os textos que continham o termo – *autoethnography*, na língua inglesa. O termo apareceu com a frequência de 8.231 vezes e foi o segundo mais citado no âmbito da amostra geral. A partir desse dado, sublinhamos o termo – *autoethnography* em caixa alta, nos títulos e foi possível selecionar 286 (duzentos e oitenta e seis) documento entre: livros, capítulos de livros, artigos e teses. Eliminou-se todos os documentos nas línguas: português e espanhol. O critério para a exclusão de tais documentos se justifica por haver somente doze documentos em português e quatro em espanhol, número considerado muito reduzido para o uso em três línguas no *software Atlas.ti23*. Ainda, as análises de textos em inglês permitiram maior flexibilidade no uso do *software* que foi desenvolvido para ser utilizado nesse idioma. Nesse sentido, embora pertinente, a seleção realizada pode ser considerada como delimitador geográfico e linguístico da amostra.

Neste contexto, a categoria maior ou palavra-chave acessada foi – *autoethnography*, seguida pelas subcategorias – self, com a frequência de 7.739 vezes; *identity*, 5.254 vezes e *reflection*, 1.964 vezes. Buscou-se analisar essas três categorias de maneira correlacionada nos artigos selecionados. Essa busca se deu por meio eletrônico digital nas seguintes plataformas acadêmicas:

Scielo – Scientific Electronic Library Online; Periódicos Capes; Microsoft Academic Search e HighBeam Research; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações; ERIC - Educational Resources Information Center; Educ@-Publicações Online de Educação; PubMed; Arca (Fiocruz); Boline International; Directory of Open Access Journals; Google Scholar; Google Books; SpringerLink; Open Library; Scirus; Vadlo; Anthropological Index Online; Anthropology Review Database; Encyclopedia of Psychology; Ethnologue; Psycline; Social Science Research Network; SocioSite; The SocioWeb; WorldWideScience; Library of Congress; The British Library Catalogues & Collections; Internet Public Library; iSEEK Education; Virtual LRC; References.net; Jstor; Elsevier; Scielo; Google Scholar, ResearchGate; TQR; SagePub; ePrints; eJolts.; Digital Scholarship; Springer; Aera; Sociopedia; Academia; OpenAccess; De Gruyter APA PsycNET; American Psychological Association (APA) E-papers; Wiley World Scientific; Taylor & Francis.

A Revisão Bibliográfica Sistemática (*RBS-Roadmap*) foi utilizada como marcador metodológico e guia para montar o banco de dados. Assim, elegeu-se a abordagem de

Conforto; Amaral e Silva (2011) nessa etapa da pesquisa. Para os autores, a *RBS-Roadmap* é uma técnica de aquisição, compreensão, análise, síntese e avaliação de um conjunto de artigos científicos, a fim de estabelecer uma base para um determinado tema estudado.

Com o uso *RBS-Roadmap* a revisão da literatura se deu de forma organizada, segura, válida e replicável. Para tal, foi importante se definir a linha limítrofe da pesquisa a ser desenvolvida, considerando a perspectiva científica, as palavras-chave, os autores, os periódicos e as fontes de dados preliminares.

A *RBS-Roadmap* sugerida por Conforto; Amaral e Silva (2011), segue as fases comuns às revisões de literatura em uma pesquisa científica. Buscou-se de forma sistemática e epistêmica acessar e selecionar os textos, identificando as lacunas nas teorias exploradas por outros pesquisadores para que, desde a fase inicial, esse processo fosse executado de forma confiável. As fases da *RBS-Roadmap* seguidas para acessar e selecionar os documentos foram três: entrada, processo e saída – elas compõem o fluxo da pesquisa na seguinte sequência: acesso, seleção, análise, síntese, avaliação e escrita do texto.

A primeira fase – entrada – compõe o acesso aos documentos a serem explorados, já explicados na sessão anterior. Nela, criou-se um banco de dados com 286 documentos seguindo os critérios definidos pelas autoras.

Na segunda fase – processo – realizou-se, com a organização dos documentos por temas, a revisão e a seleção desses textos tematizados de acordo com a pertinência ao objeto de estudo. Procedeu-se o início das análises com o *software Atlas.ti23*, processando os textos e gerando: uma lista de palavras; o mapa de conceitos; a lista de conceitos com a sua frequência nos textos; as co-ocorrências entre os conceitos mais frequentes; a busca das citações transformando cada conceito em códigos; a soma da frequência dessas citações por código nos textos, e; finalmente, os mapas de conceitos, por código.

Em seguida, listou-se esses resultados e promoveu-se a redução dos conceitos, que derivaram as categorias e subcategorias temáticas de análise de conteúdo dos textos. Finalmente, criou-se a síntese dos resultados em tabelas e gráficos que não serão apresentados nesse artigo.

Com base na lista de conceitos, esses termos foram agrupados e reagrupados por afinidade semântica, com o objetivo de reduzir essas subcategorias temáticas, a um número de termos que por sua vez nomearam as subcategorias. Essas etapas do processo serão cuidadosamente descritas na próxima sessão deste artigo que se dedicará a explicitar como foi usado o *software Atlas.ti23* e os resultados obtidos.

Na fase três da *RBS-Roadmap* – saída – descreve-se o tema, as categorias e as subcategorias sintetizando as análises em forma de texto contendo os conteúdos pertinentes aos mesmos de forma crítica. Nesta fase, o corpo do texto se define como o

entrecruzamento de teorias e percepções expostos por pesquisadores autores dos textos selecionados para esse artigo e as análises críticas a eles proferidas pelas autoras.

Como descrito, a *RBS-Roadmap* foi simplificada em suas fases para processar as categorias. Nela, contemplou-se a compilação dos dados sobre as categorias basilares do estudo: *self*, identidade e reflexão. Finalmente, todos os documentos foram nomeados na seguinte ordem: ano, autor, título e tipo de publicação. Deste modo ficaram prontos para as análises pelo *software Atlas.ti23*.

O início dos trabalhos de análise deu-se adicionando os documentos, identificando os termos recorrentes nos dados e codificando-os. Assim, logo após iniciada a importação dos documentos a partir da busca sistemática pelas subcategorias, eles foram classificados e separados por unidade hermenêutica, cujos conteúdos se interconectassem com as demais categorias temáticas principais: *self*, identidade e reflexão. Deste modo, foram criados três projetos distintos um para cada categoria temática, sempre associada à categoria principal, visto que todos os textos derivavam dela.

Para efeito de identificação nas unidades hermenêuticas, o termo que nomeou esta categoria é destacado no título do texto em letras maiúsculas. Essa ênfase ao nome da categoria evidencia sua relevância para o estudo.

Procedeu-se, na fase seguinte, a análise dos documentos visto que eles já estavam separados por unidade hermenêutica e nomeados de acordo com ela, embora o software permita que se eleja quantos documentos o pesquisador desejar, o que se realizou de acordo com as escolhas das autoras. O programa mostra uma lista enumerada dos textos alinhada por ordem crescente, embora essa ordem possa ser invertida. Ao lado dos documentos, a quantidade de citações que cada texto possui é mostrada, considerando os códigos gerados pelo programa e adicionados às análises. Apresenta ainda, o título do projeto e os recursos que foram acionados pelo pesquisador para processar as análises. Segue-se ao título do projeto em letra ampliada um sumário das escolhas realizadas com o número de: documentos, grupos de documentos, citações, códigos, grupo de códigos, grupo de memos, redes, links entre códigos e links entre citações. Além de uma aba com a visão geral do projeto e outra com os comentários. A forma como a tela do programa se apresenta, depende das escolhas do pesquisador e dos trabalhos concluídos a partir das ferramentas acionadas no programa. Os dados são processados e codificados gerando relatórios distintos de acordo com essas escolhas.

3 A pesquisa: da codificação à construção do texto científico

No caso da pesquisa realizada para este artigo foram gerados quatro relatórios: listas de palavras; lista de conceitos; gerenciador de códigos, gerenciador de citações. Os

relatórios são exportados em forma de um arquivo do programa *Microsoft® Excel®* eles contêm uma lista de conceitos acompanhado pela frequência das citações dos textos analisados. Incluem os conceitos que foram marcados como código. Neste caso, 95 (noventa e cinco) conceitos foram transformados em códigos. As tabelas geradas em *Excel* podem ser manipuladas de acordo com a escolha do pesquisador, por ordem numérica, alfabética, cores, dentre outros recursos. Essas listagens possibilitam ao pesquisador explorar grupos de palavras por significado e, posteriormente, compará-los com conceitos gerados eletronicamente pelo *Atlas.ti23*. A lista de palavras possibilita ainda, elencar aquelas palavras que não se incluem automaticamente como conceito como por exemplo os nomes dos autores dos textos analisados.

A tabela de conceitos foi visualizada em forma de nuvens de conceitos, nela foram compilados de forma automática os 95 conceitos derivados dos documentos analisados. A nuvem de palavras se organiza por tamanho e as predominantes são mostradas em tamanho maior e as demais, por ordem de grandeza decrescente, circulam ao redor das predominantes. Essa é uma das formas em que se apresentam os resultados nessa função. Existem mais duas formas de apresentação em forma de árvore e de tabela.

Foi possível ainda, gerar uma lista de documentos enumerados, seguidos pela frequência de citações geradas por documento. A nuvem de conceitos, significa que os textos foram reduzidos por significação formando tais conceitos. Os conceitos podem, ou não, ser convertidos em códigos. Nessa análise todos os conceitos foram transformados em códigos. Foi destacado individualmente o conceito – *autoethnography* e os termos e frases associadas a ele, destacou-se ainda, a frequência de citações na parte inferior da tela. Do lado direito da tela, existem duas colunas: uma com as citações devidamente identificadas por texto e a outra com os códigos.

Em continuação será descrito o uso do *Atlas.ti23* e as citações associadas ao conceito e código que aparecem em destaque, seguidas pelos códigos nelas contidos. o programa permite a geração de um relatório de códigos e outro de citações por código. Isso possibilitou o trabalho *off-line* com esses relatórios. Isso permitiu ainda, combinar códigos e co-correlacioná-los uns aos outros. Para que tal combinação entre códigos ocorresse, o pesquisador acionou a função gerenciador de códigos e a seguir o de co-ocorrências de códigos.

O de gerenciador de códigos permitiu que os códigos incluídos para análise fossem listados por ordem alfabética junto as citações associadas. O código – *autoethnography*, aparece no meio na tela em forma de nuvem e as citações referentes a ele, discriminadas por pertencimento. Foi possível, inclusive, acessar a página do documento em *Portable Document Format* (PDF) onde se visualizava a citação correspondente.

O programa permitiu a visualizar de outros códigos contemplados pela citação. A partir desses códigos foram criados grupos de códigos associados por lógica de visualização. Assim, os diferentes códigos foram combinados em grupo de códigos: de um lado fica disposto o código que estava sendo analisado e do outro lado as citações. Nesta mesma linha de análise, o *Atlas.ti23* permitiu gerenciar as citações criadas pela co-ocorrências de códigos.

Essa função foi utilizada para combinar o termo *autoethnography*, no universo pesquisado em correlação com os três códigos/conceitos/categorias: *self*, identidade e reflexão que apareceram em colunas, lado a lado. Foi possível, por exemplo, obter em uma coluna os códigos selecionados, e ao lado, dos códigos visualiza-se os números de citações por códigos. Também pode-se obter na coluna do meio a relação com todos os códigos, o número de combinações possíveis por código, e à esquerda visualiza-se a citação com a identificação do artigo e a página onde se localiza esta citação no texto. Uma coluna na horizontal mostra a frase exata onde está a palavra no texto, e, por último, aparecem os números de códigos combinados e suas listas.

Todas as funções demonstradas – criação de projeto; importação de documentos; codificação com criação de nuvens de conceitos, criação de relatórios de gerenciamento de códigos, de citações e de co-ocorrências de códigos – estão disponíveis para agregar inferências e notas e posteriormente serem usadas na redação do artigo. A complexidade do projeto criado pelo programa, até esse ponto, exige do pesquisador muita atenção para se definir quais os conceitos formam as subcategorias temáticas pertinentes à categoria principal, definidas na *RBS–Roadmap*, de modo a atender aos objetivos e responder às perguntas propostas.

Os conceitos são gerados automaticamente, agrupados por significado textual das palavras; por grupos de palavras e por aproximação de significado. Nota-se que o significado dos termos é dado à escolha do pesquisador, que atribui ao termo o valor que melhor se associa ao objeto de estudo. Esses códigos derivam conceitos que são reduzidos por significação manualmente, dando origem às subcategorias temáticas.

Para facilitar esse trabalho, o programa prevê o uso de comentários que podem ser escritos em qualquer estágio do processo. Os comentários em geral são associados aos códigos entre si e às citações. Eles mudam de acordo com a escrita e pertinência ao tema. Em geral eles se transformam em memorandos mais extensos durante os últimos estágios da análise, facilitando a escrita do artigo final.

Podem-se escrever comentários em todas as fases do *Atlas.ti23*. Os comentários, diferente dos memorandos, estão sempre diretamente ligados a códigos, citações ou parte da análise para a qual você os escreve. Os memorandos são notas autônomas independentes e possuem um tipo específico de função no projeto do *Atlas.ti23* e no texto a ser

descrito. Os memorandos podem ser agrupados e podem ter comentários por conta própria. Os comentários são mais amplos e têm um espaço independente no programa *Atlas.ti23*, assim como os códigos e citações.

No caso deste artigo os comentários complementam as citações. Eles foram utilizados aqui para lembrar e chamar a atenção para o conteúdo da citação e assim, mais adiante, foram utilizados na escrita do texto final. Os memorandos são mais do que apenas repositórios de pensamentos e sim documentos de um trabalho e de vida. Quando um pesquisador se senta para escrever um memorando ocorre um certo grau de análise. O próprio ato de escrever memorandos e fazer diagramas força o pesquisador a pensar sobre os dados. E é no pensamento que as análises ocorrem (Corbin; Strauss, 1990).

Nessa etapa das análises com o uso do *Atlas.ti23* a escrita dos memorandos é importante, pois grande parte das análises acontecem quando você anota suas descobertas e não somente clicando em funções próprias ao *software*. As ideias capturadas em memorandos são peças de um quebra-cabeça, a alma do trabalho e que são posteriormente montadas na fase de redação do texto. A construção de teorias, associada à construção de redes, também envolve a escrita de memorandos. Os memorandos no *Atlas.ti23* podem ser apenas um texto por si só, ou podem ser vinculados a outras partes dos relatórios de códigos, citações ou outros memorandos.

No caso deste artigo produziram-se memorandos em arquivos separados no *Microsoft Word*®. Pois, o *Atlas.ti23* é especialmente útil para categorização e manipulação do conteúdo de textos. Ele simula o estilo tradicional do *desktop* do papel e do lápis para análise de conteúdo. Permite ainda a combinação de funções interativas de textos e imagens, mas poderia ser através de mapas, conversas originárias das redes sociais, geolocalizações, hipertextos, dentre outros formatos. Ele modifica códigos emitindo memorandos e comentários vinculando citações de acordo com as categorias selecionadas. Os comentários podem ser utilizados para permitir ao pesquisador se localizar na estrutura das análises realizadas, uma vez que os dados resultantes delas podem ser transformados em texto que retratam os resultados das análises.

Nessa etapa buscam-se nos dados coletados identificar, por função e relevância, as citações mais importantes a serem escritas como resultados. Identificam-se as subcategorias temáticas e suas conexões derivadas das análises por palavras, conceitos, códigos, citações e comentários. Criam-se os memorandos e a partir deles inicia-se a escrita do texto revelador dos resultados das análises e sistematizador dos conteúdos derivados delas. Cabe ao autor escolher a forma de articular criticamente esses dados para apresentá-los de modo a não perder de vista as análises processadas. Elas se iniciaram com as escolhas temáticas, seleção e sistematização dos documentos utilizando a *RBS-Roadmap*, a seguir são analisadas pelo *Atlas.ti23*, e por último pode iniciar a escrita do texto.

Para esse artigo escolheu-se a maneira tradicional de escrita, transferindo para o programa *Microsoft Word*© as citações, comentários e memorandos. Nela, trabalhou-se a categoria maior e as subcategorias na tentativa de interconectá-las de modo sistemático, significativo e narrativo. Criou-se um texto a partir de premissas derivadas das ideias gerais expressas pelos autores e num processo de comparação, corroboração, exclusão, dentre outros estilos de construção do texto científico. Tentou-se escrever um texto coeso, claro e representativo do todo, significativo para a categoria. Isto é, buscou-se responder as questões propostas sem perder o foco no objeto de estudo e nos objetivos do trabalho que se propôs a desenvolver. Como exemplo, a subcategoria – *self*, foi descrita à luz dos conceitos que foram transformados em códigos e que estão imbricados nos fragmentos das citações levantadas.

Até aqui percorremos as fases do *RBS-Roadmap* delineando os dados que foram exportados para o software *Atlas.ti23* e que foram analisados a partir das três categorias temáticas. Trabalharam-se inúmeras funções do programa computacional e, com o resultado dessas análises iniciamos a escrita do texto.

A seguir discute-se a autoetnografia como tema-categoria principal e as subcategorias a ela associadas: *self*, identidade e reflexão. Em seguida são apresentados os autores mais citados e sua importância para a discussão do tema. São analisados os subtemas no âmbito dos 286 documentos selecionados através de uma interpretação crítica de seu conteúdo. Ao final da seção são descritos os principais resultados das análises à luz dos objetivos propostos, delineando as limitações do estudo e suas contribuições para a etnografia em educação e, ampliando-se as considerações finais com argumentos e contra-argumentos sobre o tema principal.

4 Conceituando autoetnografia em países de língua anglo-americana

Os estudos sobre a autoetnografia estão ainda engatinhando no Brasil, a despeito de décadas de pesquisa nos Estados Unidos e em outros países de língua inglesa. Somente nos últimos anos surgiram no país dossiês e artigos elaborados em torno dessa temática. Nesse artigo discorre-se e reflete-se sobre o pensamento anglo-americano referente às questões de identidade e cultura.

Existem inúmeras definições de autoetnografia e elas se referem de alguma forma: a uma abordagem sistemática usando estratégias etnográficas; a ligação da experiência pessoal às questões sociais, culturais e políticas, e: a uma crítica de certos discursos dentro de um contexto cultural com uma visão e esperança de mudança (Allen-Collinson, 2013; Allen-Collinson; Hóquei, 2005; Chang, 2008; Duncan, 2004; Ellis, 2004; Ellis; Adams; Bochner, 2011; Jones; Adams; Ellis, 2013; Pelias, 2003)

No contexto dos estudos sobre a identidade em países de língua anglo-americana, os sociólogos Carolyn Ellis (2004) e Arthur Bochner (2000) são amplamente citados. Ellis é reconhecida desde a década de 1990 por seus estudos sobre narrativas pessoais na pesquisa qualitativa. Juntos, Ellis e Bochner publicaram e editaram vários livros sobre o que chamam de método autoetnográfico (Ellis; Bochner, 1996, 2000, 2006; Bochner; Ellis, 2005, 2016). Os outros autores mais citados nos 286 documentos acessados foram: Hernandez (2017), Holman Jones (2016), Denzin (2013), Johnson (2013), Smith (2004), Anderson (2006) e Richardson (1994).

A definição de autoetnografia de Ellis e Bochner (2000) enfoca a descrição autobiográfica e a importância da explicação etnográfica. Anderson (2006) e Chang (2008) referem-se à autoetnografia como uma abordagem que deve combinar análise cultural e interpretação com detalhes narrativos. Isso significa que se espera que os autoetnógrafos reflitam, analisem e interpretem suas histórias dentro de seu contexto cultural. Os pesquisadores que se dedicam à autoetnografia não podem estudar a si mesmos sem se referir ao seu posicionamento em relação aos outros (Chang, 2008). A autodescoberta, em um sentido cultural, está intimamente relacionada à compreensão dos outros. Se os outros se referem a membros da própria comunidade, o *self* (eu) se reflete nos outros, em um sentido geral. No entanto, se os outros se referem a membros de outras comunidades, entender as semelhanças entre o eu e os outros, captura apenas uma parte de uma compreensão deles. (Fa'avae, 2018).

Enquanto Ellis e Bochner (2000) estão interessados no caráter descritivo do método, definindo autoetnografia como "...autobiografias que exploram autoconscientemente a interação do eu introspectivo e pessoalmente engajado com descrições culturais mediadas pela linguagem, história e explicação etnográfica" (p.742), Chang (2008) tem uma abordagem ligeiramente diferente, concentrando-se na análise da autoetnografia "combinando análise cultural e interpretação com detalhes narrativos" (p.44). Esses dois tipos de definição ilustram o caráter dual da autoetnografia como método, traduzindo essa duplicidade, em uma perspectiva mais tradicional (Reed-Danahay, 1997, p. 9). Pode-se dizer que enquanto método, a autoetnografia combina elementos autobiográficos e observações tendo como base múltiplas identidades. O objetivo destas pesquisas autoetnográficas é explorar, descrever e analisar a experiência pessoal, dentro de contextos sociais amplos e complexos, para compreender a experiência cultural em que se está inserido(a) (Ellis, 2004).

A palavra autoetnografia é originária do grego: *auto* (*self*, em si mesmo), *ethnos* (nação, no sentido de um povo ou grupo de pertencimento, uma cultura) e *grafia* (*grapho*, escrever, a forma de construção da escrita). Significa escrever uma representação da relação entre o "eu" e o "outro", onde esse "eu" (*self*) é um observador neutro. Ele olha para o "outro", mas também para si mesmo, para suas próprias emoções e pensamentos para

entender o que está acontecendo naquele contexto (Ellis; Adams, 2024). Para Ellis (2004), esta é uma perspectiva que tenta combinar as ciências sociais e humanas e a escrita de histórias pessoais, em suas relações com a teoria e com a pesquisa acadêmica.

Seria como usar o que sabemos sobre métodos etnográficos, mas tentar expressá-lo de uma forma que seja mais literária, mais parecida com uma história, através de uma performance ou arte, e da interação do introspectivo, do engajamento pessoal do “eu” (o sujeito pesquisador). É um tipo confuso de orientação entre gêneros. Serve tanto para entender a experiência humana como para ser um processo terapêutico, de busca do sentido de si mesmo. É uma metodologia utilizada para explorar de maneira profunda nossos relacionamentos e interações com outras pessoas. Ellis ainda relaciona a autoetnografia como um *way of life* que auxiliaria a ver o mundo como uma história e ver a si mesmo como parte dessa história, o que nos tornaria mais empático com outras pessoas. O termo autoetnografia tem múltiplos entendimentos, mas refere-se principalmente ao método e ao produto da pesquisa e da escrita. (Ellis, 2004; Ellis; Adams; Bochner, 2011).

De modo geral, a proposta da autoetnografia é a de, através de uma narrativa, descrever e analisar a experiência pessoal para compreender a experiência cultural em que se está inserido (Ellis, 2004). Como tal, ao abordar histórias e vida, relatos de si mesmo e as formas como o pesquisador tenta se inserir enquanto sujeito de fala na narrativa etnográfica, ela faz relação com uma espécie de escrita de si. A escrita de si é uma forma de produzir conhecimento baseado na reflexão de experiências pessoais, subjetivas, corporificadas e, como tal, em oposição ao que vem de fora, ao outro, ao diferente de si. A abordagem etnográfica busca experienciar, refletir e representar a relação de si mesmo com o meio cultural, contrastando essa experiência subjetiva, com a experiência coletiva. Muitos pesquisadores baseiam sua narrativa, sua escrita de si, em questões de identidade (dimensão política) e em formas diversas de representação destacando incompreensões, preconceitos e silenciamentos (acadêmicos, sociais). Tal método é reconhecido entre seus pares por seu caráter transformador, por dar voz para quem fala e em favor de quem fala e ainda como lugar de fala, haja vista os ensaios, artigos e teses que giram em torno de estudos de gênero, raça, classe, idade e sexualidade, localização geográfica e outras questões sociais e políticas. Ao mesmo tempo, a autoetnografia pode ser uma tarefa muito difícil já que pode causar dúvidas e ansiedades para quem escreve (Wall, 2008).

O uso das narrativas e experiências pessoais nos trabalhos acadêmicos e nas práticas representacionais na pesquisa qualitativa surge, em um primeiro momento, como um método que procurava dar conta de uma mudança social e política na sociedade americana dos anos 1960 e 1970 (Adams; Jones; Ellis, 2014). Esse período foi impactado pelo questionamento das identidades sociais e políticas, como do movimento *Black Power*, da segunda onda do feminismo e da Guerra do Vietnã. A reflexão sobre a identidade fez surgir

novas áreas de estudo, como Afro americanos, de gênero, que focavam especialmente nas identidades como experiências sociais e políticas daqueles que sofriam pela injustiça social. Dessa experiência deu-se a ênfase na reflexividade da pesquisa qualitativa e o reconhecimento nos modos pelos quais as identidades sociais - raça, classe, gênero, sexualidade, religião, saúde dentre outras - impactam “o quê e como estudamos, assim como o que vemos e como interpretamos o que estudamos” (Adams; Jones; Ellis, 2014, p. 30). Tal método de pesquisa, que usa a reflexividade e a subjetividade, ou seja, a experiência de vida, também se mostram como um contraponto à pesquisa científica tradicional que tem na objetividade seu instrumento de garantia da integridade da pesquisa. Para os autores citados, a objetividade, na pesquisa social, obscurece as reviravoltas que os projetos de pesquisa costumam dar. Enquanto na autoetnografia, o autor é ao mesmo tempo sujeito e investigador (Cunningham; Jones, 2005). Ao mesmo tempo, o uso da primeira pessoa, o *self* (eu), no relato da pesquisa indica maior aceitação da narrativa pessoal como uma forma de criação de sentido na vida (Boyle; Parry, 2007).

Pode-se dizer que o *self* é a percepção individual de quem somos baseadas em nossas experiências e interações sociais. A identidade é a representação de nosso *self*, aquilo que apresentamos ao mundo, que pode ser influenciada por vários fatores, como cultura, sociedade e experiências pessoais. Enquanto a reflexão é a capacidade de examinarmos nossos próprios pensamentos, sentimentos e ações, e é um componente crucial da narrativa, da escrita de si. Foucault (2004) considerava que a escrita de si é um tipo de escrita em que é possível perceber que o ato de escrever é também o ato de se mostrar ao outro. Ao escrever sobre nós mesmos, estamos essencialmente explorando e articulando nosso *self* e nossa identidade. Além disso, ao exercitarmos essa escrita, olhamos para dentro de nós mesmos e refletimos sobre quem somos.

Essa escrita de si, também chamada por Adams, Jones e Ellis (2014) de “...etnografia pessoal, experiência pessoal, narrativa pessoal, escrita pessoal, autobiografia e reflexão” (p. 18), é um processo introspectivo que envolve a expressão de pensamentos, sentimentos e experiências pessoais. É uma forma de autoexploração e autocompreensão. Nela, os conceitos de *self*, identidade e reflexão estão intrinsecamente ligados e são fundamentais para a compreensão de como nos percebemos e como nos apresentamos ao mundo.

Uma característica que une todas as autoetnografias é o uso de experiências pessoais para examinar e/ou criticar a experiência cultural. Mas o que diferencia esse tipo de relato com biografias ou autobiografias? Não podemos considerá-las a mesma coisa? Para Adams, Jones e Ellis (2014) no entanto, nem toda escrita pessoal é autoetnográfica, visto que para eles há características adicionais que distinguem a autoetnografia de outros tipos de trabalho pessoal (como biografia e autobiografia). Esses incluem: comentar e criticar propositalmente a cultura e práticas culturais; fazer contribuições para pesquisas existen-

tes; abraçar vulnerabilidades, e; criar um relacionamento recíproco com o público para forçar uma resposta (Adams; Jones; Ellis, 2014). Isso explica o desejo dos autoetnógrafos de quererem concentrar-se em formas de produzir uma investigação significativa, acessível e evocativa, baseada na experiência pessoal; em algo que sensibilize os leitores para questões de identidade ou de experiências silenciadas e marginalizadas. A vulnerabilidade das experiências pode criar formas de representação que aprofundam a nossa capacidade de ter empatia com as pessoas que são diferentes de nós (Ellis; Bochner, 2000).

Os autoetnógrafos, ao colocarem em questão os sistemas, as práticas, as crenças culturais e suas próprias experiências, através de uma auto-reflexão, revelam o eu (*self*) do sujeito pesquisador. Ao mesmo tempo oferecem ao leitor o acesso direto a essa experiência introspectiva através de múltiplas identidades. Os conceitos *self*, reflexão e identidade se relacionam de modo intrínseco na narrativa autoetnográfica. Eles são interdependentes e um não existe sem o outro. Eles se complementam e se correlacionam. A narrativa pessoal, a escrita de si, gera uma gama de significados e de modos de ser onde as identidades são testadas, definidas e reconstruídas.

A seguir são citados alguns exemplos dessas narrativas que vão muito além de questões de raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, religião ou idade, uma vez que podem se interligar de modo complexo, criando uma interseccionalidade entre dois ou mais elementos. O conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 1991) explora como múltiplos aspectos das identidades se manifestam simultaneamente nas interações com outras pessoas e é identificado em várias dessas narrativas como um elemento importante no estudo da cultura e das identidades. Assim, podemos encontrar desde histórias que narram reflexões sobre processos de adoção de crianças, experiências e práticas pedagógicas, doenças e deficiências, identidades múltiplas, música, maternidade, ideologias e crenças, linguagem e translíngua, misticismo, performance, tecnologia e, mais recentemente. Narrativas em torno da pandemia de Covid19 (Mielle, 2023; Kempny, 2022).

Todas as narrativas trazem a questão da reflexão como imprescindível na investigação do *self* e da identidade. No entanto, o conceito de *self*, no qual a análise da autoetnografia é baseada, permanece indefinido. Apesar da dificuldade em definir o *self* (eu), vemos o desenvolvimento de características integradas à autoetnografia, como auto-estudo (*self-study*), auto-reflexão (*self-reflection*), auto-consciência (*self-awareness*), auto-reflexão (*self-reflexion*), auto-compreensão (*self-understanding*), auto-observação (*self-observation*), dentre outros, que são usadas para ajudar a descrever e analisar as experiências pessoais. A reflexão sobre si pode ser usada para gerar os dados que tornam o sujeito visível dentro da narrativa.

Utilizando elementos de investigação de auto-estudo, exploro como o meu habitus cultural influenciou as minhas experiências como professor de ciências e biologia numa escola antes da transição para o ensino de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) em programas de formação inicial de professores (Hamilton, 2021, p.3, tradução nossa).

O envolvimento do pesquisador em práticas reflexivas, que ativam a memória, e sustentam o estudo de si, é o que torna conscientes suas práticas e narrativas. Pesquisadores que compartilham com os leitores o desenvolvimento da sua identidade podem ilustrar como o auto-estudo baseado na investigação autoetnográfica pode levar a uma utilização mais eficaz de si mesmo (Struthers, 2012). Essa visibilidade de si próprios aparece através e eventos positivos e negativos na vida de cada um. Como uma das metodologias de pesquisa autorreflexivas, a autoetnografia pode ajudar na compreensão desses aspectos.

Lumsden (2023), ao narrar sua atividade orientada para a gestão estratégica, realizada por funcionários de universidades do Reino Unido, reflete sobre o processo de produção de sua autoetnografia.

No processo de fazer a autoetnografia, a auto-reflexão foi vivenciada como um movimento de pêndulo oscilante, oscilando entre o eu público-acadêmico performático, que tentava se conformar às expectativas organizacionais, e o eu-privado oculto, que criticava e resistia a essas expectativas. O pêndulo era um meio de auto-reflexão e investigação crítica nas tentativas da autora de desconstruir, processar e dar sentido às suas experiências (p.1, tradução nossa).

Roberts (2014) em seu ensaio *Negating the Inevitable: An Autoethnographic Analysis of First-Generation College Student Status*, oferece um relato que entrelaça suas memórias e reflexões para exemplificar as formas pelas quais, em suas próprias palavras,

minhas experiências com cultura, classe social e poder impactaram minha posicionalidade, desenvolvimento, negociações de identidade e status como uma estudante universitária/graduada de primeira geração, estou me referindo à interseccionalidade, especificamente como as intersecções das minhas identidades culturais informaram a minha compreensão do poder e as minhas experiências com a opressão dentro das instituições de ensino superior (p.48, tradução nossa).

Roberts recorre às experiências da infância e de seu relacionamento com os pais para explicar seu objetivo de desafiar resultados educacionais supostamente inevitáveis para indivíduos marginalizados e desprivilegiados como ela. Para ela, os estigmas e traumas sociais podem ser superados por meio da criação de sentido através reflexividade etnográfica.

Muitos autoetnógrafos escrevem narrativas que giram em torno dos desafios de conviver e responder a identidades socialmente estigmatizadas quanto à raça, classe, gênero/sexo, sexualidade e capacidade. Eles desafiam pressupostos de sua identidade social revelando as formas como as suas identidades muitas vezes exigem ajustes e performances sociais e culturais.

Yomtoob (2014) reflete sobre os conflitos que vivencia com base na percepção que as pessoas têm dela. Como mulher árabe-americana, judia, homossexual e de meia-idade, ela usa as suas experiências vividas e o testemunho da discriminação para interrogar a orientalização, a racialização, o sexismo e a heteronormatividade. Sobre a autoetnografia, acredita que "...um dos seus muitos valores é que nos permite abordar a experiência da discriminação e compreendê-la da perspectiva da pessoa a quem ela acontece" (p. 145, tradução nossa).

Vemos que a escrita da narrativa de si é um trabalho ao mesmo tempo de memória, reflexão e de construção de identidades. A pesquisa autoetnográfica sobre a própria identidade pode se dar através da auto-observação de situações, atividades e experiências diárias e ela pode se mostrar multidimensional.

Leal-Covey (2015), durante a escrita de sua tese de doutorado, descreve que fazer sua autoetnografia permitiu revelar a si mesma a interseccionalidade e as identidades interligadas do que chama de suas múltiplas culturas: ser mulher, portadora de deficiência física e imigrante do México para os Estados Unidos. Sua autoetnografia analítica qualitativa envolveu determinar se as pessoas multiculturais correm maior risco de misturar identidades. Ela percebeu que ao explorar suas experiências culturais, "...seria mais capaz de compreender as pessoas ao meu redor e a mim mesma" (p. 4, tradução nossa,). A interseccionalidade ajudaria a compreender a complexidade das identidades a nível individual, e as identidades interligadas ajudariam a ver como as relações entre as pessoas, a nível sistêmico, moldam as identidades dos indivíduos.

Morella-Pozzi (2014) escreve sobre suas experiências privilegiadas e desfavorecidas como estudante e docente com uma deficiência invisível. No que chama de terrível dicotomia, ela discute a ideia de ser simultaneamente i/legítima e os conflitos que vivência. Ela discute a interseccionalidade a partir de múltiplas posições de privilégio e marginalização para encorajar a conscientização sobre a deficiência.

A autoetnografia também é usada para refletir sobre as desigualdades vivenciadas, como a discriminação e a opressão racial e de gênero. Várias pesquisas exploram o tema da influência de raízes étnico-culturais e dos valores internalizados das famílias de origem no desenvolvimento contextual e na expressão de múltiplas identidades, principalmente de grupos marginalizados.

Alguns autores utilizam a performance etnográfica, fazendo uso da música, da poesia ou do corpo como ponto de articulação para a consciência acadêmica e a alfabetização corporal, problematizando as relações de poder que estão ligados a esses *eus*, culturas e práticas (Spry, 2011; Jones; Pruyn, 2018; Cayari, 2019). Seu potencial emancipatório e seu uso como método de investigação já tinham sido explicitados no ensaio de Spry (2001) que, embora consciente de que emoção e poética sejam uma espécie de traição acadêmica, era o que sua auto-reflexão lhe impunha.

Treze anos depois de ter sido abusada sexualmente, a cura profunda começou quando comecei a reescrever essa experiência como uma mulher com força e agência, em vez de aceitar o discurso de vítima de agressão sexual embutido em nossa linguagem falocêntrica - e, portanto, em sistemas de valores. Esse tipo de potencial transformador e eficaz para o pesquisador, o pesquisado e o leitor/público é o objetivo principal da autoetnografia eficaz na impressão e na performance (p. 712, tradução nossa).

O mergulho em si mesma lhe ajudou a reabitar seu corpo ao mesmo tempo que permitiu que o outro o interpretasse no contexto de sua própria experiência. Tais movimentos e interpretações que a autoetnografia pode provocar tanto para quem escreve quanto para quem lê pode funcionar também como uma espécie de terapia. Em casos de narrativas cujo tema são doenças e deficiências, a escrita de si possibilita que indivíduos reconstruam histórias de vidas fragmentadas e difíceis, atribuindo-lhes significado. Como afirma Richards (2008 p. 1722, tradução nossa), “essa abordagem é fundamental para a identidade e autoestima do narrador, contribuindo para que a pessoa se sinta plenamente integrada novamente”.

Esses ensaios procuram mostrar através dessas escritas de si ou auto-narrativas como a identidade, cultura e os relacionamentos estão interconectados. Os exemplos vistos de autoetnografias são críticos, vulneráveis, situacionais, pessoais e servem como exemplos para a compreensão de como as identidades culturais se cruzam com a vida cotidiana.

A autoetnografia apesar de todas as vantagens que puderam ser apontadas, pode ser uma tarefa muito difícil já que pode causar dúvidas e ansiedades sobre como se representar a si mesmo, como fazer uma pesquisa objetiva sendo sujeito e objeto ao mesmo tempo, como os outros irão reagir frente a sua história e como trabalhar eticamente na autoetnografia. Para Wall(2008) a autoetnografia lhe dá a oportunidade de refletir sobre essas e outras questões, ela tem sido uma experiência de aprendizagem que mostra como pensar sobre estas questões de forma diferente do que a etnografia tradicional e das ciências sociais. (Wall, 2008).

A escrita pessoal é uma ferramenta poderosa para a explorarmos e expressamos nosso *self* e identidade. No entanto, devemos reconhecer as limitações dessa narrativa, tanto em capturar a complexidade e a fluidez de nosso *self* e identidade quanto em ignorar ou negligenciar a cultura (etno) na qual os pesquisadores estão inseridos, uma vez que nesses estudos o uso do termo etnografia foi associado às pesquisas etnográficas apenas para validar as narrativas de si mesmos.

5 Considerações finais: argumentos e contra-argumentos

Os argumentos mais recorrentes contra o uso da autoetnografia na escrita acadêmica giram em torno de sua forte ênfase na escrita de si (Poerwandari, 2021; Plonder, Stadlbauer, 2016). Essa questão está no cerne da resistência ao aceite da autoetnografia como um método valioso para a pesquisa qualitativa. Outra crítica é referente à realidade das narrativas pessoais ou autoetnografias: o quanto elas representam de realidade e de invenção dos autores, uma vez que não se apoiam em dados empíricos.

Delamont (2013), uma influente socióloga e experiente etnógrafa, declara que esse tipo de etnografia depende principalmente da reflexão do etnógrafo, pois ela é “essencialmente preguiçosa – literalmente preguiçosa e intelectualmente preguiçosa” (p. 1). Ela apresenta seis argumentos contra a autoetnografia, a saber: não poder combater a familiaridade; não poder ser publicada eticamente; ser experiencial e não analítica; concentrar-se no lado errado da divisão de poder; revogar o dever do etnógrafo de ir a campo e recolher dados, e; não despertar o interesse para tornar-se objeto da sociologia.

Contra-argumentando a fala da socióloga, Olmos-López e Tusting (2020) defendem que os autoetnógrafos ao analisarem as próprias experiências em um contexto sociocultural não são contemplados pela crítica de Delamont. Da mesma forma, os trabalhos acadêmicos analisados por eles expõem as falhas no raciocínio da autora e demonstram o porquê, do ponto de vista dos etnógrafos, a autoetnografia é vista como um método teoricamente sólido para estudar a cultura.

Uma das propostas apresentadas pelos autores como estratégia chave para melhorar a reflexividade na autoetnografia são as autoetnografias co-construídas, ou colaborativas. Nessa abordagem a pesquisa pode ir além de um único indivíduo, adicionando o olhar e a reflexividade de toda uma equipe. De acordo com Olmos-López e Tusting (2020), visto que a autoetnografia é, geralmente, descrita como a etnografia do *self*, o conceito de autoetnografia de equipe embora possa parecer paradoxal, é inovador. Pois, em um projeto multipesquisador, especialmente em ambientes focados em práticas acadêmicas, adicionar à autoetnografia o componente de abordagem em equipe pode fornecer resultados significativos e qualitativamente relevantes à pesquisa. Dessa maneira, os autores defensores

da autoetnografia como método, exploram novas possibilidades, e com elas, não somente tentam reduzir os ruídos das críticas atuais ao método, mas superá-los, a nosso ver, com estratégias comuns às pesquisas etnográficas tradicionais.

Quanto ao caráter ético da abordagem autoetnográfica, a impossibilidade de anonimato e da confidencialidade de quem narra pode ser um problema em termos acadêmicos. Isso acontece porque raramente a narrativa é apenas do sujeito que escreve, uma vez que ele faz associações com pessoas de sua família, de seu entorno, mesmo alterando seus nomes. A impossibilidade de anonimato pode até mesmo impedir a continuação da pesquisa autoetnográfica (Sparkes, 2024), uma vez que o Comitê de Ética da universidade pode considerar que ela não está adequada às normas reguladoras de pesquisa com seres humanos.

Outra crítica que se pode fazer quanto ao método autoetnográfico na pesquisa científica é da neutralidade do pesquisador em relação ao sujeito pesquisado, que inclui ele próprio. Importante lembrar que a representação de si não é neutra, visto que através da reflexividade e da auto-reflexão, o pesquisador busca entender a si mesmo, dentro de um determinado contexto. Ele se transforma, como um camaleão aos olhos de si e dos outros. Seu objetivo é, primeiro, entender quem é e em seguida se ver como agente e pertencente a um determinado grupo, a um contexto. O autoetnógrafo busca dentro de sua prática acadêmica, dar voz à sua visão de mundo, à sua visão de si dentro desse mundo. Ele constrói uma narrativa onde ao mesmo tempo, através da auto-análise, ele identifica-se a si próprio como pertencente a uma ou múltiplas identidades. Sua identidade é múltipla.

Apesar de algumas críticas e argumentos que foram apresentados sobre a autoetnografia, pode-se dizer que ela oferece para o pesquisador/autor uma epistemologia e uma ontologia diferentes que os situa em meio à complexidade e aos desafios das experiências incorporadas durante sua escrita.

Este artigo procurou oferecer exemplos de autoetnografias diversificadas, ponderadas, eficazes, aplicadas e inovadoras, explorando definições e demonstrando as principais características desse método que existe há mais de vinte anos e que envolve fundamentos epistemológicos, relacionais, culturais e éticos.

As autoras, ao analisarem a autoetnografia como método de pesquisa qualitativa, utilizaram ferramentas e técnicas para criar projetos utilizando recursos computacionais: a revisão sistemática *RBS-Roadmap* e o *software Atlas.ti23*. Tal *software* demonstrou ser um excelente recurso para a codificação e a posterior análise dos vários artigos. Isso possibilitou tornar visíveis identidades, saberes e vozes particulares pertinentes a uma gama de documentos em língua inglesa sobre o tema.

Os desafios e futuros da autoetnografia incluem sua compreensão como uma prática feminista, pós-humanista e descolonizadora, bem como um método para estudar textos,

traduções e traumas. No âmbito da narrativa do artigo, fica implícito como se pode apoiar e supervisionar projetos autoetnográficos e oferecer perspectivas sobre publicações e formas de avaliar um estudo autoetnográfico.

Ainda hoje se vive o paradigma dominante da ciência moderna que se baseou na exclusão do sujeito/pesquisador, separando-o do objeto. Ignorou-se que as teorias científicas não são o puro e simples reflexo das realidades objetivas, mas coprodutoras das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento (Morin, 1999, p.7).

A metodologia autoetnográfica, ao unir sujeito e objeto, cria laços entre os aspectos culturais e os aspectos biológicos. O pesquisador/autor, ao mostrar sua identidade e refletir sobre ela, de modo encorpado e situado, se reconhece como agente de mudança. Ele procura então produzir uma investigação significativa, acessível, evocativa; uma narrativa que sensibilize os leitores para questões sobre identidade, para experiências subjetivas que geralmente são silenciadas ou vulnerabilizadas no discurso acadêmico (quanto a questões sociais).

Nossa crítica está no peso e espaço que a subjetividade ocupa na escrita de si e, conseqüentemente, na pesquisa acadêmica. Os múltiplos casos exemplificados ao longo do texto são situacionais e específicos, restritos a identidades situadas, mesmo que gerem identificação. O que se objetiva aqui é acentuar que a ênfase excessiva na narrativa autobiográfica ou na biográfica, pode tornar o empreendimento etnográfico *etno*, da autoetnografia, menor ou menos importante.

Além disso, a narrativa autoetnográfica pode levar à falta de objetividade nas análises dos dados, ao mesmo tempo que pode generalizar os resultados para uma população mais ampla. Lembrando que a experiência autoetnográfica é sempre contextual e individual, embora tenha como um dos objetivos gerar empatia e reconhecimento pelos pares.

Não se pode esquecer igualmente que a autoetnografia, talvez pelas considerações apontadas acima, ainda não é amplamente aceita em todas as áreas acadêmicas. Alguns questionam sua validade e rigor científico (Delamont, 2009, Mattos, 2022), no entanto, ela ainda encontra em várias partes do mundo pesquisadores motivados a escrever narrativas de si.

Dessa forma, pode-se dizer que a autoetnografia, como método de investigação dentro das pesquisas qualitativas e, dentre elas, a etnografia, oferece insights valiosos para a compreensão e estudo dos sujeitos da prática científica. Acrescentamos ainda que se deve considerar também o uso concomitante de outras abordagens e metodologias na pesquisa científica a fim de enriquecer os estudos em educação e cultura.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Tony; JONES, Stacy Linn Holman; ELLIS, Carolyn. (org.). **Autoethnography: Understanding Qualitative Research**. New York: Oxford University Press, 2014. 216p.
- ADAMS, Tony; MANNING, Jimmie. Popular Culture Studies and Autoethnography: An Essay on Method. **The Popular Culture Studies Journal**. v. 3, n. 1-2, p. 187-222, 2015. Disponível em: <https://tonyeadams.com/wp-content/uploads/2015/09/manningadams-auteothnographypopularculture.pdf>
Acesso em: 28 de maio de 2024.
- ALLEN-COLLINSON, Jacquelyn; HOCKEY, John. Autoethnography: Self-indulgence or Rigorous Methodology. In: Mike Mcnamee (ed.) **Philosophy and the Sciences of Exercise, Health and Sport**. London: Routledge, p.187-202, 2005. 259p.
- ALLEN-COLLINSON, Jacquelyn. Autoethnography as the engagement of self/other, self/culture, self/politics, selves/futures. In: Stacy Holman Jones; Tony Adams; Carolyn Ellis (ed.). **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge. Cap.13, p. 281-300, 2013.736p.
- ANDERSON, Leon. **Analytic Autoethnography**. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 35, n.4, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891241605280449>. Acesso em:28 de maio de 2024.
- Bochner, Arthur P. Criteria against ourselves. **Qualitative Inquiry**. v. 6, n.2 p. 266–272, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/107780040000600209>. Acesso em:28 de maio de 2024.
- BOCHNER, Arthur P.; ELLIS, Carolyn. Communication as autoethnography. In: Gregory Shepherd; Jeffrey John; Ted Striphas (ed.). **Communication as Perspectives on theory**. Thousand Oaks, CA: Sage. Cap. 12, p.110–122, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781483329055>. Acesso em: 28 de maio de 2024.
- BOCHNER, Arthur P.; ELLIS, Carolyn. **Evocative Autoethnography: Writing Lives and Telling Stories**. New York: Routledge. 2016. 332p. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315545417>. Acesso em: 28 de maio de 2024.
- BOYLE, Maree Veronica; PARRY, Ken. Telling the whole story: The case for organizational autoethnography. **Culture and Organization**, v. 13. n. 3, p. 185–190. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14759550701486480>. Acesso em: 28 de maio de 2024.
- CAULLEY, Darrel. Making Qualitative Research Reports Less Boring: The Techniques of Writing Creative Nonfiction. **Qualitative Inquiry**. v.14, n. 3, p.424-449. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077800407311961>. Acesso em: 28 de maio de 2024.
- CAYARI, Christopher. Musical theater as performative autoethnography: a critique of LGBTQIA+ representation in school curricula. **International Journal of Education & the Arts**. v. 20, n.10. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.26209/ijea20n10>. Acesso em: 28 de maio de 2024.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press. 2008. 230p. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315433370>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

CHANG, Heewon. Individual and Collaborative Autoethnography as Method a Social Scientist's Perspective. In: Stacy Holman Jones; Tony Adams; Carolyn Ellis (ed.). **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge. Cap. 3, p. 107-123, 2015.736p.

CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, Sérgio Luis da. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. 2011, **Anais**. Porto Alegre, RS: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002833837>. Acesso em: 26 maio de 2024.

CORBIN, Juliet.; STRAUSS, Anselm. Grounded Theory Research: Procedures, canons, and evaluative criteria, **Qualitative Sociology**. v. 13, n. 1, p 3–21. 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00988593>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, 1991, p. 1241–99. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1229039>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

CUNNINGHAM, Sally Jo; MATT, Jones. Autoethnography A tool for practice and education, **Conference Proceedings**. 6th ACM SIGCHI New Zealand Chapter's International Conference on Computer-Human Interaction: Making CHI Natural, 2006, Auckland, New Zealand, 7 a 8 de julho de 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/1073943.1073944>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

DELAMONT, Sara. Arguments against Auto-Ethnography. In: Pat Sikes. **Autoethnography**, v. 2, 2013. 1.648p. Disponível em: <https://us.sagepub.com/en-us/nam/autoethnography/book235815>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

DELAMONT, Sara. The only honest thing: autoethnography, reflexivity and small crises in fieldwork. **Ethnography and Education**. v. 4, n.1, 2009, p. 51-63. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17457820802703507>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

DENZIN, Norman. **Performance autoethnography: critical pedagogy and the politics of culture**. (2 Ed). New York: Routledge, 2018. 324p.

DENZIN, Norman. **Interpretive autoethnography**. (2 ed.) Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2013. 128p.

DUNCAN, Jack. A case for great books in management education. **Academy of Management Learning & Education**. v. 3, nº.4, p. 421-428, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40214312>. Acesso em 28 de maio de 2024.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. Autoethnography: An Overview. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs1101108>. Acesso em: 26 maio. 2024.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony. **Qualitative Scholar Conversation with Carolyn Ellis and Tony Adams**. Odum Institute for Research in Social Science. YouTube video: Qualitative Research Summer Intensive course: The Power and Practice of Autoethnography: Storytelling that Deepens Knowledge

and Soothes the Soul. 2024 Disponível em: <https://youtu.be/HqWHwhPydDM?si=KKMA6kITyN-x608XW>. Acesso em 28 de maio de 2024.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur (ed.). **Composing ethnography: alternative forms of qualitative writing**, v.1 Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 1996. 400p.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Analyzing analytic autoethnography: An autopsy. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.35, n 4, p 429-449, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/089124160628697>. Acesso em: 26 maio. 2024.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject, In: Norman Denzin and Yvonna Lincoln. **The Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA: Sage. Cap. 28, p733-768, 2000,

ELLIS, Carolyn. The Ethnographic In: A Methodological Novel about Autoethnography. Vol.13. **Ethnographic alternatives book series**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press. 2003.

FA'AVAE, David. Giving voice to the unheard in higher education: Critical autoethnography, Tongan males, and educational research. **Mai Journal**, v. 7, n .2, p. 126-138, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20507/MAIJournal.2018.7.2.2>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: Manoel Barros da Motta (org.) Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004. p. 145-162. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf. Acesso em: 26 maio. 2024.

HAMILTON, Miriam. An Autoethnographic self-study navigating the transition to becoming a STEM teacher educator. **The Qualitative Report**, v. 26, n.1, p. 296-315, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2021.4462>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

HAO, Richie Neil. Performing Fortune Cookie: An Autoethnographic Performance on Diasporic Hybridity. In: Robin M. Boylorn; Mark P. Orbe, (Eds) **Critical Autoethnography: Intersecting cultural identities in everyday life**. Cap. 5, p.96-110. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2014.

HARWOOD, Stephen; EAVES, Sally. In search of an autoethnographic method. **Proceedings 16th ECRM- European Conference on Research Methodology for Business and Management Studies**. 2017 p. 145-153, Dublin, Ireland, United Kingdom, 22 a 23 Junho de 2017. Disponível em: <http://www.academic-conferences.org/conferences/ecrm/ecrm-future-and-past/>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

HEIDER, Karl. What Do People Do? Dani Auto-Ethnography. **Journal of Anthropological Research**, v. 31, n. 1, 1975, p. 3-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/JAR.31.1.3629504>. Acesso em 28 de maio de 2024.

HENANDEZ, Kathy-Ann C. The Faces Behind the Numbers. In: Karen A. Longman **Diversity Matters: Race, Ethnicity and the Future of Christian Higher Education**. Introduction. Session 5. On-line. Abilene, Texas: Abilene Christian University Press, 2017. 384p. Disponível em: <https://www>.

proquest.com/scholarly-journals/diversity-matters-race-ethnicity-amp-future/docview/2123020327/se-2 . Acesso em 28 de maio de 2024.

JOHNSON, Royel M. Black and Male on Campus: An Autoethnographic Account. **Journal of African American Males in Education**, v. 4, n. 2, p.103-123, 2013. Disponível em: <https://jaame-journal.scholasticahq.com/article/18441-black-and-male-on-campus-an-autoethnographic-account>. Acesso em 28 de maio de 2024.

JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony.; ELLIS, Carolyn (Eds). **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge. 2013. 736p.

JONES, Stacy Holman; PRUYN, Marc. **Creative Selves/Creative Cultures: Critical Autoethnography Performance and Pedagogy**. Serie: Creativity, Education and the Arts. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan Cham, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-47527-1>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

JONES, Stacy Holman. Living Bodies of Thought: The “Critical” in Critical Autoethnography. **Qualitative Inquiry**, v. 22 , n. 4, p.1-10, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077800415622509>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

KAFAR, Marcin; ELLIS, Carolyn. Autoethnography, Storytelling, and Life as Lived: A Conversation Between Marcin Kafar and Carolyn Ellis. In: Anny Kacperczyk. **Przegląd Socjologii Jakościowej**. Autoetnografia – technika, metoda, nowy paradygmat? Polonia. Tom X, n. 3, p. 124-143. Disponível em: http://www.qualitativesociologyreview.org/PL/Volume27/PSJ_10_3.pdf. Acesso em 27 de maio de 2024.

KELES, Ufuk. Writing a “Good “Autoethnography in Educational Research: A Modest Proposal. **The Qualitative Report**, v. 27, n. 7, p. 20226-2046, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2022.5662>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

KEMPNY, Marta. Towards Critical Analytical Auto-Ethnography: Global Pandemic and Migrant Women (Im)mobilities in Northern Ireland. **Anthropological Journal of European Cultures**, v. 31, n. 1, p 58-71, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/ajec.2022.310105>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

LEAL-COVEY, Cecilia. **An autoethnography on the reasons for mixing identities**. 2015. 270p. Create Space Independent Publishing Platform. On-line. Disponível em: <https://www.libreriauniversitaria.it/an-autoethnography-on-reasons-for/book/9781514727447>. Acesso em: 26 maio de 2024.

LUMSDEN, Karen. Reflections and Confessions on the Making of a Performative Autoethnography: University Professional Development Reviews and the Academic Self. In: Jackie Goode; Karen Lumsden; Jan Bradford (Eds) **Crafting Autoethnography**. London: Routledge. Cap.9. p. 49-64, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003309239>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Fracasso Escolar: uma etnografia**. Prefácio por Frederick Erickson. Curitiba: Appris editora, 2022. 287p.AU.

MORELLA-POZZI, Dana. The (Dis)ability Double life: exploring legitimacy, illegitimacy, and the terrible Dichotomy of (Dis)ability in higher education. In: Robin M Boylorn e Mark P. Orbe, (ed.) **Critical Autoethnography: Intersecting cultural identities in everyday life**. Session III: Negotiating Socially Stigmatized identities. Cap. 10, p.176-195. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2014.151p.

MORIN, Edgar. **O Método 3 : O conhecimento do conhecimento**. Coleção: O Método. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999. 309p.

OLMOS-LÓPEZ, Pamela; TUSTING, Karin. Autoethnography and the study of academic literacies: exploring space, team research and mentoring. **Dossiê: Trabalhos em Linguística Aplicadas**: UNICAMP. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) v. 59, n.1, p. 264-295, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318136565715912020>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

PELIAS, Ronald. The Academic Tourist: An Autoethnography. **Qualitative Inquiry**, v.9, n.3. p 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10778004030090030>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

PLONDER, Andrea; STADLBAUER, Johanna. Strong Reflexivity and Its Critics: Responses to Autoethnography in the German-Speaking Cultural and Social Sciences. **Qualitative Inquiry**, v. 22, n.9, p.753–765, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1077800416658067>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

POERWANDARI, Elizabeth Kristi. Minimizing Bias and Maximizing the Potential Strengths of Autoethnography as a Narrative Research. **Japanese Psychological Research**, v. 63, n. 4, p.310–323, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jpr.12320>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

REED-DANAHAY, Deborah. **Auto/ethnography: Rewriting the self and the social**. Oxford: Routledge. 1997.

RICHARDS, Rose. Writing the othered self-autoethnography and problem of objectification in writing about Illness and Disability. **Qualitative Health Research**, v. 18, n 12, p. 1717-1728, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1049732308325866>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

ROBERTS, Tabatha. Negating the Inevitable: An Autoethnographic Analysis of First-Generation College Student Status. In: Robin M Boylorn e Mark P. Orbe, (ed.) **Critical Autoethnography: Intersecting cultural identities in everyday life**. Session III: Negotiating Socially Stigmatized identities. Cap. 2, p.47-61. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2014.151p.

SMITH, John. Food, health and psychology: Competing recipes for research and understanding. **Journal of Health Psychology**, v. 9, n. 4, p. 483-496, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359105304044031>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

SPARKES, Andrew. Autoethnography as an ethically contested terrain: some thinking points for consideration. **Qualitative Research in Psychology**, v. 21, n, 1, p.107-139, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14780887.2023.2293073>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

SPRY, T. Performing Autoethnography: An Embodied Methodological Praxis. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/107780040100700605>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

SPRY, Tami. Performative autoethnography: critical embodiments and possibilities. In Norman K. Denzin; Yvonna S. Lincoln (Eds). **The Sage Handbook for Qualitative Research**. (4 ed). Cap. 30, p. 497-512. London: SAGE Publications, 2011.766p.

STRUTHERS, John. **Analytic autoethnography: a tool to inform the lecturer's use of self when teaching**. Thesis. Doctor of Philosophy. Department of Educational Research, Lancaster University, UK 2012. Disponível em: https://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/62512/1/Struthers_John_Final_2013_Feb.pdf. Acesso em: 26 maio de 2024.

WALL, Sarah. Easier Said than Done: Writing an Autoethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 7, n. 1, p. 38-52, 2008. Disponível em: Acesso em 27 de maio de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/160940690800700103>. Acesso em: 26 maio de 2024.

YOMTOOB, Desiree. Caught in Code: Arab American Identity, Image, and Lived Reality In: Robin M Boylorn e Mark P. Orbe, (ed.) **Critical Autoethnography: Intersecting cultural identities in everyday life**. Session III: Negotiating Socially Stigmatized identities. Cap. 8, p.144-158. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2014.151p.

Recebido em novembro/2023 | Aprovado em abril/2024

MINIBIOGRAFIA

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

Professora Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutora: Universidade da British Columbia, CA; University of Cambridge, UK; University of Sydney, AU; Sorbonne de Université René Descartes, FR. Doutora e Mestre em Educação pela University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, USA.

E-mail: clgmattos@gmail.com

Alessandra dos Santos

Doutora em Ciências da Comunicação e Informação em saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj) Graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Certificada no Nível de Proficiência C2, pela Aliança Francesa.

E-mail: alesantos02@gmail.com

Valentina Grion

Professor Associado de Pedagogia Experimental na Universidade de Padova / Itália. PhD em Educação pela Universidade de Pádua. Coeditora do Internacional Journal of Student Voice da Penn State University e da Revista Interdisciplinar de Tecnologia, Cultura e Educação QWERTY.

E-mail: valentina.grion@unipd.it